

Brasil não tem posição fechada para negociar dívida

Arquivo — 1/10/86

Brasília — O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, não leva nenhuma posição fechada para negociar com os bancos credores o reescalonamento da dívida externa. A afirmação foi feita pelo presidente José Sarney ao JORNAL DO BRASIL, ao anunciar que Funaro viaja hoje aos Estados Unidos para abrir as conversações com os banqueiros.

Sarney foi enfático ao comentar notícias, segundo as quais o governo estaria disposto a voltar a submeter a condução da política econômica ao acompanhamento do Fundo Monetário Internacional (FMI) se isto significar um bom acordo com os banqueiros.

— O Brasil continua na posição de sempre: não admitir o monitoramento do FMI — declarou.

Funaro embarca hoje em companhia do presidente do Banco Central, Francisco Gros, e do chefe da sua assessoria internacional, embaixador Álvaro Alencar, num giro que inclui Nova Iorque, Washington, Paris, Londres e Bonn, com regresso previsto para quinta-feira. Foi contundente a respeito da volta ao FMI:

— Não são verdade as notícias de que o Brasil irá ao FMI. O governo tem uma posição muito clara: somos sócios do Fundo, não há confronto com a instituição, mas não há nenhum acordo de monitoramento e nem existe necessidade disso — acentuou.

O ministro da Fazenda confirmou que determinou ao Banco Central a realização de uma auditoria



James Baker falará pela segunda vez com Funaro

sobre a dívida externa, para constatar se existem irregularidades na sua contratação, “como o caso da Centralsul, no Rio Grande do Sul” (a cooperativa fez empréstimos irregulares com o Bank of America, que desistiu de cobrá-los ao reconhecer as irregularidades).

No front interno, Funaro voltou a demonstrar otimismo. Segundo ele, a inflação deste mês ficará entre 11% e 12%, contra a taxa recorde de

16,8% registrada em janeiro. O otimismo para fevereiro, segundo ele, se baseia na coleta de preços do IBGE nas primeiras três semanas do mês.

— Vamos ver se começamos a colocar nosso país em uma economia mais estável a partir de agora. O grande pulo da inflação de janeiro já foi interrompido e agora vamos conseguir baixar esta tendência — concluiu.